
POÉTICAS DO ORAL E DO POPULAR

Adjetivos como “popular” e “oral” perpassam várias áreas do conhecimento e são um campo fértil (e, também, por vezes espinhoso) de discussão para as disciplinas das humanidades. Pensar seus conceitos não é uma tarefa simples para os pesquisadores, cujas inquietações encontram-se ligadas a objetos de estudos que perpassam estes temas. Em cada um desses objetos há inúmeras possibilidades de (des)construção do “oral” e do “popular”. São essas possibilidades que a **Boitatá** busca incansavelmente.

Esse número 6 da **Boitatá** não tem por objetivo principal discutir estes conceitos, mas traz uma variedade de trabalhos que refletem as relações entre o popular e o oral com a literatura, a antropologia, as ciências computacionais e da informação. Os artigos, aqui apresentados, têm como escopo o texto poético, são resultados de pesquisas desenvolvidas na atualidade e, por conta disso, problematizam os conceitos de oral e o popular levando em conta os diferentes modos de produção, recepção e circulação, bem como armazenamento de textos.

De modo resumido, os artigos aqui apresentados refletem como a chamada “literatura” oral e popular está sendo pensada nos dias atuais, levando-se em conta desde narrativas de jogos computacionais (conhecidas como narrativas de videogames) ou a literatura de Conceição Evaristo, entre outros trabalhos.

O artigo que abre este número é o de Sylvie Dion: *A Lenda Urbana: um Gênero Narrativo de Grande Mobilidade Cultural*. Nele, a autora discute o gênero das lendas urbanas, textos narrativos que circulam pela internet, muitas vezes no formato de e-mails e se caracterizam como uma “narrativa popular anônima, transmitida principalmente de forma oral e que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida”. Baseada em autores de língua francesa, a maioria deles québécois, Dion atenta para como as novas tecnologias atualizam fatos que desde o século XIX circulavam por jornais, como *fait divers*.

Na seqüência, o pesquisador da Universidade da Antuérpia, Tamer Thabet, problematiza o conceito de narrativa de jogos ao tratar de críticas que ora reivindicam a questão para o campo da narratologia, ora para o campo da ludologia. Em *Narrative Methodology in Computer Games*, Thabet toma partido por uma análise de ordem narratológica de narrativas de jogos computacionais e enfatiza que: "Storytelling is one of the many functions of games [...] There is much in games than narratives, and there is much more in game narratives than proving they are narratives." Nesse pressuposto, o pesquisador enfatiza a necessidade de um olhar multidisciplinar para dar conta da crítica sobre as narrativas de jogos computacionais.

Como dissemos anteriormente, o escopo da oralidade e de objetos inerentes ao popular é muito amplo. Assim, somos convidados a sair do tema ligado aos jogos computacionais para sermos inseridos na reflexão acerca dos mitos Bakairis.

No artigo, *Mito e discursividade : um processo metonímico*, Tânia Conceição Clemente de Souza analisa vários mitos, dando ênfase às narrativas Bakairi da onça e do tamanduá. A autora nos leva a pensar os conceitos lévi-straussinos sobre a sinedóque abstrata e, vai além, ao discutir mecanismos lingüísticos que conferem abstração e materialidade à língua Bakairi. Assim, Souza conclui que : "o processo de abstração verificado em muitos mitos acaba por concretizar metaforicamente a história do confronto, quando os mitos se reatualizam numa forma clara de denúncia e resistência".

Em *Transgressões de uma Menina Míope*, Wellingson Valente dos Reis, Widnerlley Santos Vargas Munhoz e Josebel Akel Fares discutem o conto homônino da obra *Zeus ou a menina e os óculos*, de Maria Lúcia Medeiros. Os autores demonstram como a criança é representada no conto e como estas representações têm como parâmetro a negação de um mundo "adultocêntrico". A miopia da personagem principal do conto é analisada por Reis, Munhoz e Fares como uma "atitude subversiva" em que ela: "Sente prazer e alegria por estar vendo tudo com seus olhos de criança, sem a intervenção e correção dos adultos."

A literatura infantil muitas vezes se confunde com uma literatura popular, não apenas por incorporar e atualizar vários mitos de circulação oral, mas por não se constituir como uma obra canônica, que tem como enfoque o público mirim.

Os autores, nesse sentido, desvelam para seus leitores a riqueza poética de Maria Lúcia Medeiros, demonstrando que o fato de estar endereçada ao público infantil não é sinônimo de inferioridade e, pelo contrário, que elas possibilitam a adultos e crianças uma perspectiva diferenciada de ver o mundo.

Pode-se dizer que a literatura de cordel sofreu do mesmo preconceito do qual a literatura infantil foi vítima durante muitos anos. O sentido de “popular” atribuído a esta produção poética, que é de circulação oral e escrita, inspira muito mais uma relação de funcionalidade da obra, o que foge ao paradigma “cânone x popular”, do que a uma relação de “alta” x “baixa” literatura.

Nesse sentido, o artigo de Bruna Paiva de Lucena: *Da Tipografia aos Parques Gráficos: o Cordel e a Problemática do Campo Literário* percorre muitos dos dilemas deste tipo de produção poética, por meio do enfoque de seu mecanismo de circulação. Ao discutir algumas coleções como a da editora Hedra (“Coleção Biblioteca de Cordel”), a autora entende que a publicação do cordel em livros que escapam ao modelo tradicional adotado, bem como o olhar da crítica acadêmica não são suficientes para a compreensão do cordel como uma obra “literária”, pois: “cordel ter leitores não o alça a obra literária reconhecida e sim ter determinados leitores os quais o legitimem como bem literário.”

Assim, após um debate a respeito da “legitimidade” da obra literária, a autora observa que a disseminação do cordel numa mídia impressa, nos moldes da obra literária, serviu para “colocar em evidência a literatura de cordel, de forma a mudar a situação de exclusão do cordel nos estudos oficiais de literatura, e de torná-lo acessível ao grande público”.

Após este artigo, o conjunto de artigos aqui reunidos envia para as questões da literatura e de como o popular e o oral a perpassam de diferentes modos. Desse modo, os artigos de May Bletz, a respeito de Alcântara Machado,

de Dejour Dionísio, sobre Conceição Evaristo, e de Stela de Castro Bichuette, a respeito de Mário de Andrade, contribuem com perspectivas distintas, mas ao mesmo tempo interligadas, a respeito do popular e o Modernismo ou da ênfase memorialista na literatura brasileira contemporânea.

Em *'Acontecimentos de Crônica Urbana': Fanfulla and the Rise of an Italian Ethnicity in São Paulo*, Bletz discute a identidade ítalo-brasileira com base no jornal *Fanfulla*, fundado em 1894 por Vitalino Rotellini. A partir do preceito de que: “The Italo-Brazilians are urban Bandeirantes, penetrating and thereby restructuring traditional Paulista society, which is representative of the new frontier of a nation becoming more urban than rural”, a autora entende que o uso do discurso popular do imigrante não se reduz apenas a uma opção estética, mas à construção deste bandeirante urbano. Isso não apenas mostra como o popular, por meio da identidade imigrante, é requisitado, como em vários outros momentos da literatura brasileira e em perspectiva diferenciada, para a construção da identidade nacional.

Dejour Dionísio, em *A Morte Visitada através da Memória Oral em Ponciá Vicêncio*, atém-se, entre outras coisas, para o fato de como Conceição Evaristo vale-se de elementos da narrativa oral africana estão presentes em seu projeto literário. Ou autor ainda lembra que: “No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos descendentes de africanos, uma poética que rememora África, denuncia a condição de vida dos diaspórizados e, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade”. Dessa maneira, a narrativa de Ponciá Vicêncio revela o que é ser um afro-brasileiro, bem como se coloca como uma voz ancestral que se atualiza na sociedade brasileira contemporânea, ao mesmo tempo que afirma uma identidade (modo de ser) do negro.

Fechando este número encontra-se o artigo *Brasileiramente 'Macunaíma': a Estilização do Nacional*, de autoria de Stela Bichuette. Nele, a autora discute como Mário de Andrade constitui um conceito de nação não apenas assentado em aspectos físicos, mas também em relação ao “sentimento de nação”. Em suas palavras: “o modernista demonstra como cada ser tem sua intuição inerente de pátria e que a definição de pátria ou nação é subjetiva a cada um”. Nesse

sentido, a autora traz um diferencial para compreendermos o uso do popular feito por Mário de Andrade cujo emprego de elementos da tradição oral em sua rapsódia *Macunaíma* torna-se uma maneira de “vivenciar a realidade nacional”.

*

Desse modo, os oito artigos apresentados constituem um bom panorama do que vem sendo publicado no Brasil e no exterior a respeito de “literatura” oral e popular, bem como suas interfaces com outras áreas do conhecimento. Terreno fértil para a poesia, porém cheio de trilhas tortuosas, a literatura oral e popular, por isso mesmo, cada vez mais atrai o interesse de pesquisadores e desperta a curiosidade das novas gerações: seja pela tradicional narrativa negra ou pela virtual narrativa de jogos de computador. Esperamos que o(a) leitor(a) possa trilhar esse campo de poeticidade aqui constituído, como o mito do Boitatá percorre as veredas das matas ou submerge em caminhos fluviais,.

St. Catharines/Londrina, 06 de dezembro de 2008.

Frederico Fernandes
Sálvio de Melo Fernandes